

Violência psicológica: silêncio e invisibilidade, até quando?

*Psychological violence:
silence and invisibility, until when?*



Daiane Heloisa Göttems¹, Ronalisa Torman²

RESUMO

A violência psicológica contra a mulher, no âmbito doméstico, está entre as agressões mais invisibilizadas e silenciosas, impactando a saúde física e psíquica das mulheres. A presente pesquisa teve como objetivo investigar se as mulheres da cidade de Novo Hamburgo/RS, participantes do “Projeto de Extensão Laços de Vida”, percebem como e quando estão sendo vítimas de violência psicológica e identificar as consequências psíquicas oriundas destas agressões. O estudo caracterizou-se por ser do tipo qualitativo, descritivo e exploratório, utilizando-se, para investigação, a perspectiva de trabalho de Bardin (2020) sobre a análise de conteúdo. A amostra foi composta por dez mulheres adultas, participantes de grupos terapêuticos ofertados pelo projeto de extensão supracitado, da Universidade Feevale, que responderam individualmente a uma entrevista semiestruturada, mediante anuência prévia. Após a leitura e compreensão das entrevistas, compuseram-se duas categorias, sendo elas, “A percepção acerca da violência psicológica: era como se eu não existisse” e “Desdobramentos psíquicos da violência psicológica: a vida perdeu o sentido pra mim”. Os resultados apontam que as participantes percebem como e quando foram acometidas pela violência psicológica ao longo da vida, visto que, atualmente, o projeto de extensão que integram proporciona acolhimento e acesso à informação. Sendo assim, novos estudos acerca da temática contribuirão para a ampliação dos espaços coletivos que dão voz às mulheres e legitimam suas narrativas, além de promover sua saúde mental.

Palavras-chave: Psicologia. Mulheres. Violência psicológica.

ABSTRACT

Psychological violence against women, in the domestic sphere, is among the most invisible and silent aggressions, impacting women's physical and mental health. This research aimed to investigate whether women in the city of Novo Hamburgo/RS, participants of the “Projeto de Extensão Laços de Vida”, perceive how and when they are being victims of psychological violence and to identify the psychic consequences arising from these aggressions. The study characterized by being qualitative, descriptive, and exploratory, using Bardin's work perspective (2020) on content analysis for investigation. The sample consisted of ten adult women, participants of therapeutic groups offered by the mentioned extension project, at Universidade Feevale, who responded individually to a semi-structured interview, with prior consent. After reading and understanding the interviews, two categories were composed, namely, “The perception of psychological violence: it was as if I did not exist” and “Psychic developments of psychological violence: life lost its meaning for me”. The results indicate that the participants perceive when and how they were affected by psychological violence, throughout their lives, since, currently, the extension project they are part of provides reception and access to information. Therefore, new studies on the subject will contribute to the expansion of collective spaces that give voice to women and legitimize their narratives, in addition to promoting their mental health.

Keywords: Psychology. Women. Psychological violence.

¹ Bacharela em Psicologia. Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS, Brasil. E-mail: daiianegotttems@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9183-2897>

² Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2006), Psicóloga pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1991), Especialização em Psicopedagogia (2003), Docente e Supervisora Clínica do Curso de Psicologia da Universidade Feevale, Coordenadora do Projeto de Extensão Laços de Vida, Novo Hamburgo, RS, Brasil. E-mail: ronalisa@feevale.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3702-4543>

INTRODUÇÃO

Vivemos atualmente em um cenário político e social de retrocessos e, dentre os recuos que nossa sociedade enfrenta, estão as questões relacionadas às mulheres. O interesse pela presente pesquisa surgiu através da inquietação causada pelas estatísticas dos últimos anos, em relação à violência doméstica, sendo que a violência psicológica pode ser a mais difícil de se identificar, uma vez que está camuflada nas relações cotidianas e arraigada no discurso machista.

Uma pesquisa realizada pelo Instituto DataSenado, em parceria com o Observatório da Mulher contra Violência (2021), revela que 71% das entrevistadas acham que o Brasil é um país machista, enquanto que 68% das questionadas conhecem uma ou mais vítimas de violência doméstica ou familiar e 27% dizem já ter sofrido alguma agressão masculina (BRASIL, 2021).

Levando em consideração a forma como a nossa sociedade foi estruturada, dando voz e poder aos homens, as mulheres sempre foram atravessadas pelo machismo (SAFFIOTI, 2015). Essa cultura, por sua vez, foi sendo naturalizada, impregnada e interiorizada socialmente.

A história de violência contra a mulher, no Brasil, vem demonstrando que os homens exercem um domínio sobre corpos que remetem ao feminino (TELES, 2017). Subjugadas, as mulheres foram sendo vítimas das mais inimagináveis atrocidades, sendo que há menos de duas décadas apenas foi criada uma legislação específica em defesa da mulher, contra a violência doméstica e familiar.

Nos termos da Lei Maria da Penha, caracteriza-se como violência doméstica e familiar aquela que é baseada no gênero e sucede nas seguintes formas: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. A Lei nº 11.340/2006, no seu artigo 5º, ainda explicita o contexto onde essas agressões ocorrem, ou seja, o autor da violência e a vítima devem possuir algum vínculo afetivo, doméstico ou familiar, a nível de convivência (BRASIL, 2006).

Mesmo sabendo de toda a proteção legal que a mulher possui, atualmente, é inquietante o crescimento nos índices de violência e, de acordo com dados do ano de 2021, uma mulher foi vítima de feminicídio a cada sete horas, segundo relatório do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022). A preocupação é ainda maior ao pensar sobre a violência psicológica, por se tratar de um dispositivo silencioso e invisibilizado, reforçado pela cultura e pela estruturação social (SCHWAB; MEIRELES, 2017).

A violência psicológica se trata do principal escopo desta pesquisa e, para tanto, sentiu-se a necessidade de apresentar as práticas alusivas a esta, de acordo com o *site* do Instituto Maria da Penha (IMP, 2022, p. 3):

Ameaças, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento (proibir de estudar e viajar ou de falar com amigos e parentes), vigilância constante, perseguição contumaz, insultos, chantagem, exploração, limitação do direito de ir e vir, ridicularização, tirar a liberdade de crença, distorcer e omitir fatos, para deixar a mulher em dúvida sobre a sua memória e sua sanidade (*gaslighting*).

Diante do problema de pesquisa, surgiu a oportunidade de realizar a coleta de dados com mulheres que participam de grupos terapêuticos que ofertam acolhimento e suporte, já que, para além de obter resultados, a pesquisadora almejou proporcionar um espaço de escuta, onde novas reflexões pudessem surgir, possibilitando a elaboração através da repetição das narrativas.

Desse modo, pensando que o discurso das mulheres participantes do “Projeto de Extensão Laços de Vida”³ da Universidade Feevale, na cidade de Novo Hamburgo/RS, poderia trazer diversas vivências que se caracterizavam enquanto violências, além dos possíveis adoecimentos acarretados, os objetivos desta pesquisa foram investigar se as entrevistadas percebem como e quando estão sendo vítimas de violência psicológica e identificar as consequências psíquicas oriundas destas agressões.

MÉTODO

Trata-se de um estudo exploratório e descritivo, de abordagem qualitativa, onde a coleta de dados foi desenvolvida no período de agosto a setembro de 2022 e contou com a participação de dez mulheres adultas, que aceitaram o convite realizado e se encontravam na faixa etária entre 18 e 60 anos, da cidade de Novo Hamburgo/RS, participantes do “Projeto de Extensão Laços de Vida”.

As mulheres chegam até o Projeto de forma espontânea e por vezes já participam de outras atividades nos locais em que acontecem os grupos. É realizada uma entrevista individual de triagem, antes de ingressarem no Projeto. Os encontros, segundo a coordenadora do Projeto, ocorrem em três bairros muito vulneráveis da cidade de Novo Hamburgo/RS e o acompanhamento é semanal, realizado por equipe de acadêmicos extensionistas, sob

³ O Projeto de Extensão Laços de Vida objetiva promover, através de grupos de apoio e expressividade, a melhoria psíquica e a construção da autonomia de mulheres em situação de vulnerabilidade social.

supervisão. Informa-se que as elaborações possíveis, através das narrativas compartilhadas, também facilitaram a assimilação acerca dos adoecimentos físicos e psíquicos.

Na Tabela 1, estão apresentadas as informações das dez entrevistadas da pesquisa e, a fim de preservar o sigilo, escolheram-se algumas plantas nativas da Amazônia para nomeá-las. A entrevista semiestruturada foi composta por treze perguntas, essenciais para os esclarecimentos do estudo.

Tabela 1 – Participantes da pesquisa

Nome	Idade	Escolaridade	Estado civil
Jatobá	18 anos	Ensino Fundamental incompleto	Solteira
Açaí	27 anos	Ensino Médio completo	Solteira
Calêndula	37 anos	Ensino Médio completo	Solteira
Cacau	37 anos	Ensino Médio incompleto	Casada
Ipê	42 anos	Ensino Médio completo	Solteira
Alfazema	54 anos	Ensino Médio incompleto	União Estável
Vitória-Régia	58 anos	Ensino Fundamental incompleto	Viúva
Andiroba	59 anos	Ensino Fundamental incompleto	União Estável
Tucumã	60 anos	Ensino Médio incompleto	Casada
Jaborandi	60 anos	Ensino Fundamental completo	Casada

Fonte: elaborada pela autora, com base nos dados das entrevistas individuais (2022).

Este escrito seguiu os princípios éticos da pesquisa com seres humanos, previstos na Resolução nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Todas as entrevistas foram realizadas individualmente e de forma presencial. As entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), possibilitando o uso dos dados para a escrita do presente artigo. Além disso, o projeto foi aprovado previamente pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Feevale, sob CAAE nº 59838322.0.0000.5348.

A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo de Bardin (2020), utilizada para examinar as falas das participantes, a qual possibilitou, através da leitura e compreensão das entrevistas, que os achados fossem separados por categorias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos, através das entrevistas com as participantes do estudo, possibilitaram responder o problema de pesquisa, uma vez que se buscou investigar se as mulheres percebem como e quando estão sendo vítimas de violência psicológica, além de identificar as

consequências psíquicas. Atentando para o fato que todo e qualquer desconforto gerado durante as entrevistas, foi reportado a coordenadora do Projeto, que promoveu junto as mulheres, trabalho terapêutico em grupo. Após a análise do conteúdo, compuseram-se duas categorias, que viabilizaram a discussão dos achados, com base principalmente em referenciais psicanalíticos, estudos de gênero e sociais. Desse modo, nomeia-se as duas categorias como “A percepção acerca da violência psicológica: era como se eu não existisse” e “Desdobramentos psíquicos da violência psicológica: a vida perdeu o sentido pra mim”.

A percepção acerca da violência psicológica: “era como se eu não existisse”

Esta categoria foi desenvolvida a partir dos dados referentes à percepção de vivências ao longo da vida e que representaram agressões psicológicas para as dez mulheres participantes da pesquisa, bem como, seu entendimento sobre o conceito de violência psicológica e a identificação dos responsáveis pelas agressões.

Esse estudo debruçou-se sobre a violência doméstica que abate as mulheres, sendo de suma importância contemplar as questões de gênero. O conceito de gênero é tido como uma construção social, portanto, não é baseado no sexo biológico (VEIGA; PEDRO, 2019). Ele surge a partir da década de 1970, junto aos movimentos feministas, porém, em 1949, Simone de Beauvoir, em seu livro “O Segundo Sexo”, já indicava que “[...] ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, [1949] 1980, p. 9).

Em entrevista concedida em 2017, a pesquisadora de gênero, Marlene Neves Strey, explica que culturalmente, o mundo é dividido entre masculino e feminino, havendo uma constante imposição por parte da sociedade para que as pessoas se posicionem de acordo com o que é esperado para cada sexo. O poder acaba sendo um dispositivo invisível, que atravessa as relações entre homens e mulheres, fazendo com que as pessoas assumam determinadas formas de se comportar (NECCHI, 2017).

De acordo ainda com Strey, a perpetuidade do patriarcado, que sustenta a superioridade masculina, faz com que a violência no âmbito doméstico costume ser a mais invisibilizada. Existe uma condescendência social, que a pesquisadora faz relação com a permanência de mulheres em relações abusivas, onde um dos fatores contributivos é a normatização da hierarquia do homem, o que coopera para que elas, muitas vezes, nem se deem conta de que vivem subjugadas e oprimidas (NECCHI, 2017).

Apesar de todos os mecanismos que operam na banalização da violência doméstica, conforme os estudos de gênero, por meio da análise de conteúdo de Bardin (2020), constatou-se que todas as entrevistadas percebem, atualmente, terem sido vítimas de violência psicológica, em algum momento do ciclo vital. Oito participantes identificam as figuras parentais como agressoras, na infância e na adolescência e, também, oito das dez mulheres citam parceiros íntimos, sendo que algumas inclusive permanecem nos relacionamentos. As falas a seguir sinalizam a percepção das ocorrências:

[...] eu tentei fugir de casa, eu era pequena, tinha sete, oito anos, e eu saí e ninguém notou, eu saí depois do almoço e voltei já tava escurecendo, e ninguém notou que eu tinha saído. Isso magoou, isso doeu, porque ninguém sentiu a minha falta. Isso pra mim foi uma coisa bem marcante, psicologicamente, porque não teve agressão nenhuma de fala, de nada, simplesmente uma situação onde ninguém percebeu, era como se eu não existisse (Alfazema).

Essas coisas de diminuir a gente, não sei, meu esposo nunca me deixou trabalhar. Uma vez trabalhei uma semana num atelier, mas aí não contei pra ele, eu tinha medo que ele não gostasse, daí quando eu contava pra ele, ficava uma fera, dava soco nas coisas, quebrava a porta do armário, quebrava a estante, ficava violento [...] (Jaborandi).

A violência psicológica cometida pelo parceiro íntimo, relatada por oito participantes, resulta, muitas vezes, na baixa autoestima da mulher. Olhares de desaprovação diante de uma roupa ou maquiagem que ela esteja usando, levando-a a desmarcar compromissos e se afastar do círculo familiar, são atitudes do agressor que passam despercebidas e sutilmente vão se agregando e se tornando mais presentes na relação com a vítima (FERREIRA, 2017). As observações da autora corroboram com a fala das entrevistadas a seguir:

[...] tinha me anulado, porque eu não usava uma pintura, ele não deixava, eu não ia em lugar nenhum, ia na minha família, mas sempre brigando né. Não sabia o que era uma festa, uma igreja, e roupa, assim, se botasse uma coisa ele dizia que era muito feia, curta, tinha que ser tudo de acordo, não cortar os cabelos [...] (Andiroba).

Como eu posso te dizer, assim... indiretamente, te chama de obesa, só que com preconceito, isso também pra mim é uma coisa muito pesada sabe... Já escutei tipo 'ahh come que nem um monstro' ou 'come que nem um animal', poxa a pessoa me vê como um bicho? (Cacau).

De acordo com Ferreira (2017), os episódios de violência vão se intensificando no cotidiano, tornando-se, muitas vezes, difíceis de serem identificados e as mulheres acabam sentindo-se culpadas, fazendo de tudo para satisfazer o companheiro, deixando de lado seus

próprios desejos. A autora mencionada, utilizou-se de uma releitura da posição do sujeito do inconsciente diante do outro, ou seja, da posição subjetiva da mulher, perante aqueles que a cercam. É possível exemplificar essa situação com a fala da entrevistada Ipê: “[...] vai lá faz o exercício, porque tu tem que ficar com a bunda dura, tu tá muito barriguda, né, até na relação sexual, né. Tu acaba cedendo e fazendo, porque antes tem toda uma chantagem psicológica, se tu não faz, o marido fica emburrado, fica mal-humorado”.

Analisando os escritos de Jerusalinsky (2014), pode-se pensar sobre a mulher que se coloca nas relações passivamente. Colocam-se no lugar de objeto de gozo do outro, ficam subjugadas e alienadas a um outro, assim como acontece com o bebê, no primeiro tempo da constituição psíquica. A autora afirma que, nos jogos constituintes do sujeito, o bebê oferece seu corpo para aquela que exerce a função materna, alienando-se a ela e ficando numa posição de passividade. A dor, por exemplo, é inscrita na criança através dos significantes⁴ maternos, mas, se a mãe não sustenta seu desejo sobre o bebê, ele pode não se posicionar enquanto sujeito ativo. A entrevistada Cacau traz, em seu discurso, um profundo sofrimento perante atitudes da mãe: “Minha mãe era de programa, então, eu escutava bastante coisa né, por exemplo: tu não é importante, importante pra ela é ela tá com algum homem, mas tu não é importante, tu é o último caso. Minha mãe me abandonava, me deixava sozinha pra fazer os programas e coisa”.

Seguindo o raciocínio da psicanalista, mesmo se a criança ficar na posição de desejante, o caminho para a feminilidade fará com que, mais a frente, a menina se coloque novamente num lugar de passividade diante do pai (JERUSALINSKY, 2014). As falas a seguir sinalizam situações de violência infringidas pela figura paterna, a pelo menos sete das entrevistadas:

Mas o meu pai adorava humilhar, parecia que erguia o ego dele, ele te humilhar, sabe. Quando eu vim pra cá, eu não podia usar bermuda, guria, eu nunca esqueço que fui pra Curitiba e fiquei quatro meses na casa de uma tia minha, daí eu ganhei umas bermuda, pelo joelho né, e eu toda eufórica, toda feliz da vida, e meu pai, meu Deus, tu é vagabunda, não sei o que... Eu tinha que usar a bermuda por baixo do vestido, não podia usar assim, aí quanta ignorância né. Meu pai foi a pessoa que mais me torturou assim (Vitória-Régia).

O pai era daqueles machistas, pra ele a mulher tinha que ficar em casa. Que nem pra dirigir, o pai deu carteira de motorista pros meus dois irmãos, quando eles fizeram 18 anos, eu não ganhei, eu sou no meio dos guri, isso aí de dirigir, quem tinha que dirigir era o homem, não a mulher (Tucumã).

⁴ A partir de S. Freud, significantes são elementos do campo da linguagem, conscientes ou inconscientes, que representam e determinam o sujeito. Para Lacan, o termo significante foi retirado da linguística, remetendo a uma realidade psíquica (CHEMAMA, 1995).

O complexo de Édipo está nesse percurso, onde a menina desloca seu amor, primordialmente, da mãe para o pai, objeto masculino (FREUD, [1905] 2016). Nessa etapa, a criança se conecta afetivamente com o genitor do sexo oposto, porém, mais a frente, direciona a libido para outros objetos, já que o Édipo remete a desejos incestuosos. Freud ([1914] 2010) afirma que, na vida adulta, o sujeito vai direcionar o amor objetual a um modelo mais narcisista, ou seja, mais parecido consigo mesmo, ou para um modelo de ligação. A mulher, ao fazer sua escolha amorosa, pode, dependendo de como se deu o atravessamento do Édipo, basear-se naquele que supostamente a protegeu, seu pai. A fala da participante Açaí destaca a escolha de parceiros:

[...] e por causa também dos meus relacionamentos, geralmente, eu não sei se é por eu ter um pai assim, que no meu inconsciente eu arrumo namorados que sejam parecidos com meu pai, que também querem me proibir de fazer tudo, querem que eu fique só com eles, em casa, já tive namorados que me trancavam dentro de casa (Açaí).

De acordo com apontamentos na obra freudiana, a passagem da atividade para passividade é fundamental para chegar à feminilidade, ou seja, a menina, tomada de inveja do pênis, já tendo descoberto a castração materna e convivendo com a falta, dirige seus interesses ao pai, esperando ser amada por ele. Essa falta, segundo o autor, poderá ser compensada futuramente com um filho, então, a maternidade seria outro desfecho para a feminilidade (FREUD, [1931] 2010).

Ressalta-se que as escolhas amorosas podem ser atravessadas, inconscientemente, por questões estruturais e culturais, associadas às experiências que perpassam gerações. Colossi, Marasca e Falcke (2015) estabeleceram uma relação significativa entre a violência conjugal e as situações de agressão entre ascendentes familiares. Elas acentuam que as experiências das mulheres, enquanto testemunhas ou vítimas na infância, mesmo sendo traumáticas e permeadas por sofrimento, acabam se reproduzindo em algum momento da vida adulta, especialmente na escolha de parceiros íntimos. A entrevistada Tucumã menciona a relação entre seu pai e sua mãe, a qual ela presenciava: “O pai ofendia muito a mãe, quando ela não fazia alguma coisa, porque o pai era daqueles machista [...] ele xingava a mãe, de puta, vagabunda, mandava ela embora”.

Corroborando com este tema, é importante apresentar os achados de uma psicóloga estadunidense, que a partir da escuta de vítimas de violência doméstica, foi pioneira na identificação da repetição de eventos nas relações conjugais, o que chamou de “ciclo da

violência”. A estudiosa categorizou o ciclo em fases: a fase da tensão, onde o agressor pode irritar-se e apresentar episódios de raiva, por motivos fúteis; a fase da agressão, onde ocorre o ato de violência propriamente dito; e, a fase da lua-de-mel, onde o agressor pede perdão, se diz arrependido, faz promessas de que não voltará a acontecer o episódio e segue-se uma fase calma, cheia de demonstrações de afeto (WALKER, 2009). É possível perceber o ciclo da violência na fala da participante Açaí:

[...] a pessoa afastava todo mundo de mim, mas tinha momentos que ela era boa, era agradável, dava presente, pedia desculpa, invertia a história, e aí eu acabava me tornando dependente da pessoa, daí a pessoa usava isso contra mim daí. Daí me traía, saía a hora que quisesse, e eu tinha que ficar em casa (Açaí).

Compreendeu-se, ao longo da análise de dados, que as mulheres entrevistadas percebem como e quando foram vítimas de violência psicológica, levando em consideração que, atualmente, elas têm acesso à informação, através dos grupos terapêuticos. A fala da entrevistada Alfazema representa um sentimento unânime entre as participantes: “*[...] eu vim por indicação de outras pessoas, eu não sabia que tinha isso, nem fazia ideia que era uma coisa tão boa!*”.

Confirmando a importância de levar informação através de ações em comunidades vulneráveis, Bispo *et al.* (2022) consideram que, apesar das mulheres terem algum conhecimento acerca de seus direitos, espaços educativos proporcionam uma melhor compreensão e conseqüente reconhecimento de atos violentos. Dessa forma, promovem a prevenção e contribuem para a redução da violência contra a mulher.

Verificou-se, nesta categoria, falas permeadas de sofrimento, que vem transbordando nas mulheres entrevistadas desde a infância, o que possibilita a discussão da segunda categoria, que vai discorrer sobre o que se refere aos desdobramentos psíquicos decorrentes da violência psicológica.

Desdobramentos psíquicos da violência psicológica: “a vida perdeu o sentido pra mim”

Mediante a análise de conteúdo, foram identificados diversos desdobramentos psíquicos, os quais, as dez mulheres entrevistadas expuseram, por meio da descrição dos múltiplos sofrimentos vivenciados. As entrevistadas percebem inúmeras conseqüências a partir das agressões psicológicas infligidas ao longo da vida. Essa categoria ascendeu a partir da verificação de vários sintomas distintos trazidos pelas participantes do estudo.

Os recortes das falas destacadas a seguir revelam o quão graves podem ser as questões psíquicas oriundas da exposição cotidiana ao imperativo masculino, onde predomina o machismo e a cultura patriarcal:

Aí, um dia eu tentei suicídio. Durante a vida, eu já tentei umas cinco vezes, que eu lembro, assim, acho que pode ter sido devido à violência também... porque, assim, eu tinha depressão... (Cacau).

É estranho sabe, me afetou, mas parece que eu não consigo vencer isso que eu tenho, é muito mais forte que eu. Eu sinto muita ansiedade. De noite, eu tenho uma tristeza profunda, muito pensamento que vem na minha mente, será que eu faço alguma coisa errada? Não consigo respirar direito, eu não sei se existe sentir dor no coração? (Jatobá).

A violência psicológica pode ser caracterizada como uma repetição de comportamentos e o reforço destes pode rebaixar a vítima e enaltecer o agressor, ocasionando uma ruptura de identidade, o que poderia, em última instância, até levá-la ao suicídio (SCHWAB; MEIRELES, 2017). Conforme as autoras, aquele que violenta, comumente, nega as agressões e age com muita naturalidade, fazendo com que testemunhas e a própria agredida duvidem que possa ter havido alguma ação violenta, deslegitimando seus sentimentos. A entrevistada Jaborandi invalidava seus sentimentos e acreditava estar transgredindo, segundo seu relato: “[...] eu me confidenciava com amigas, do meu marido, depois eu ficava bem arrependida, me sentindo culpada, daquela raiva que eu tinha dele”.

Segundo Portela (2021), normalmente relacionamentos não são violentos desde o princípio e, pouco a pouco, vão surgindo situações que tornam a mulher mais dependente da relação vivenciada. Ela pode tornar-se obediente, isolando-se da família e dos amigos, fazendo com que sua única referência sobre o social seja o companheiro, preterindo suas opiniões em razão das dele. Esse lugar de passividade, ainda de acordo com a autora, rebaixa sua autoestima, deixando-a mais vulnerável para situações de conflito, onde ela acaba aceitando humilhações e insultos, por medo do rompimento, já que as ameaças estão presentes no discurso do companheiro, segundo cinco participantes, como exemplifica o recorte da fala a seguir:

[...] mais no sentido de ameaças, eu recebo muitas ameaças, por isso ainda tô com ele, que é em relação à minha filha né. A forma dele, que ele sempre implica é: ah, vou continuar bebendo na frente dela, vou fazer isso, vou fazer aquilo, ela vai comer o que ela quiser, a vida dela vai ser totalmente desregrada e sem rotina [...] (Calêndula).

Portela (2021) ainda afirma que o sofrimento psíquico advindo de uma relação, que ora é permeada por momentos de ternura e cuidado e ora é precária e inconstante, tende a causar

danos para a saúde integral da mulher. Silva *et al.* (2015, p. 183), ao analisarem os desdobramentos da violência doméstica na saúde das mulheres, questionando sobre malefícios à saúde após sofrerem agressões, obtiveram respostas, como “[...] insegurança, *stress*, depressão, bem como as dificuldades com novos relacionamentos e, até mesmo, sono e descanso prejudicados”. Na mesma pesquisa, as mulheres ainda citaram sintomas físicos relacionados aos atos de violência, como “[...] cefaleia, desconfortos na coluna cervical, náuseas frequentes, tonturas e picos hipertensivos”.

Na análise do conteúdo das entrevistas, constatou-se que as dez participantes relataram sintomas físicos, como evidenciam as falas a seguir:

[...] eu comecei a ter muito problema de pressão né, hipertensa, e eu comecei a ficar deprimida. Aí, já começou a vim a diabetes, e a minha diabete, daí, diziam que era pelo meu estado emocional, eu não relaxo, até hoje eu não consigo relaxar, eu sou tensa [...] (Alfazema).

[...] dos nervos, me dava muita dor de cabeça, dor muito forte de cabeça. O médico me disse que minha depressão se manifesta em dor, quando eu tô bem nervosa, assim, começa a me doer o corpo, eu tenho reumatismo né, fibromialgia, dói tudo, a cabeça, as junta [...] (Andiroba).

Na clínica psicanalítica contemporânea, Del Corso (2016) pôde escutar o sofrimento das mulheres e fazer reflexões acerca do significado dessa dor para elas. A psicanalista observou que as queixas de dores pelo corpo são, muitas vezes, reflexo de questões psíquicas oriundas de relacionamentos de dependência, onde a mulher se coloca, enquanto eterna sofredora, como se essa fosse uma circunstância natural. A autora ainda refere que, apesar do sofrimento feminino ser subjetivo, algumas queixas são similares, quando, por exemplo, relacionadas às dores do parto, da relação sexual ou da menstruação.

É perceptível, em muitos estudos sobre a violência psicológica, dadas as condições cotidianas de uma mulher que vive sob essa égide, a prevalência de sintomas relacionados à depressão e à ansiedade, permeados de momentos de tristeza, humilhação, amargor e desprestígio (SIQUEIRA; ROCHA, 2019). Os recortes das falas a seguir comprovam os sintomas de depressão e/ou ansiedade, citados por nove das dez entrevistadas:

[...] autoestima baixa, depressão, muita insegurança né, de até não acreditar em mim mesma, tipo afetou muito isso... Um tempo eu fiquei doente, com bulimia, sabe, por causa da autoestima [...] (Cacau).

Ansiedade. Impulsos, assim, muito mais consumista que antes [...] (Calêndula).

Silva e Azeredo (2019) analisaram a relação entre a violência praticada entre parceiros íntimos e a depressão, sendo que os relatos mais significativos foram a respeito deste transtorno, onde a maior prevalência foi encontrada na violência psicológica. As autoras salientam a importância da investigação da causa da depressão pelos serviços de saúde mental, já que propiciaria a visibilidade para situações de violência doméstica e, neste contexto, a atenção não ficaria apenas voltada aos sintomas.

A partir da escuta de diálogos de um grupo terapêutico de mulheres, Ferrazza e Gesualdi (2021) puderam compreender que os relatos relacionavam a loucura com a violência doméstica sofrida. As autoras destacam ainda que as mulheres, ao serem medicadas, fazendo uso não só de um, mas de vários psicofármacos, queixavam-se que esse fato as impossibilitava de chorar, causando assim uma grande angústia. Entre as participantes da presente pesquisa, nove referem a medicalização enquanto alternativa para suportar a dor acarretada pela violência, propiciando que ela continue a ser inferida, repetidamente, como demonstra a fala de Ipê: *“Na época, eu tomava sertralina, eu fui no psiquiatra, porque eu queria um remedinho pra aguentar o tranco”*.

Validando os achados neste estudo, Barros (2020), em pesquisa realizada na zona rural de um município, constatou que, ao tratar os sintomas oriundos de situações conflitantes, utilizando-se de medicamentos para conseguir lidar com essas circunstâncias, as mulheres invisibilizavam a violência enquanto fator gerador de sofrimento psíquico, sem sequer perceber. Neste sentido, a autora afirma que a medicalização do sofrimento acaba propiciando que as violências se repitam, sem que haja uma possibilidade de elaboração.

Em seu texto “Recordar, repetir e elaborar”, Freud ([1914] 1980, p. 196) já observava que o paciente repete, durante a análise, comportamentos e atitudes características de experiências iniciais. Ele ressalta que “[...] o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu ou reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o. Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber o que está repetindo”.

Um estudo realizado por Magalhães (2021) revela mulheres que experienciaram violências sexuais em seus relacionamentos e sentiam-se extremamente sozinhas e invisibilizadas, mesmo que acompanhadas, afinal os próprios companheiros eram os agressores. Algumas aceitaram se relacionar sexualmente sem proteção, quando o companheiro assim exigia, outras fingiam orgasmos, fazendo sexo sem vontade, mas sempre preocupadas com a

satisfação do parceiro. Os relatos abaixo evidenciam a violência psicológica de caráter sexual, mencionados por quatro das dez entrevistadas:

[...] fiquei um pouco traumatizada na vida, com negócio de sexo sabe... só o marido quer e tu tem que fazer né... e, muitas vezes, a gente faz sem vontade, faz o ato sexual assim né, por fazer... pra agradar né, pra não brigar, pra não alterar a voz, essas coisa né (Jaborandi).

[...] eu sou obrigada a fazer tantas vezes por semana, porque senão fica bravo (Calêndula).

As manifestações da violência psicológica, e suas consequências para às mulheres, podem ser facilmente desvinculadas, portanto, passa a ser difícil para a vítima identificar se o sofrimento é legítimo, o que referem oito das participantes da pesquisa. No *gaslighting*, o companheiro, em determinadas situações, alega que a mulher esteja desequilibrada, colocando em dúvida a sua memória e percepção dos acontecimentos, fazendo com que ela passe a duvidar de sua sanidade (KUSTER, 2017).

Muitas mulheres acabam envolvidas por essas manipulações, isolando-se, por insegurança, e acreditam não serem capazes de conviver socialmente, aceitando uma condição de desvalor e rebaixamento (KRUGER, 2016). A fala de Calêndula, exemplifica o *gaslighting*: “*[...] ele também vive me dizendo coisas assim, que eu sou louca, que eu procuro médico e não tenho nada, que estou saudável, que eu só quero encontrar uma coisa*”.

Um outro termo utilizado, como uma das expressões da violência psicológica, é o *mansplaining*, onde o homem acredita ocupar um lugar superior de saber e, portanto, interrompe a mulher nos diálogos, desqualificando e desmerecendo seus argumentos, sugerindo que ela não tem conhecimento sobre algo (STOCKER; DALMASO, 2016). As autoras ressaltam que, a partir destas manobras, a mulher passa a ocupar um lugar de inferioridade, de incapacidade e de perda de respeito sobre o seu discurso. Ao longo das entrevistas, seis mulheres reconhecem-se em situações análogas e a participante Jaborandi retrata uma relação conjugal onde é subestimada pelo marido:

Antigamente, a gente casava pra ficar a vida inteira junto né, então a gente tinha muito essa mentalidade de ter que obedecer ao marido e fazer tudo as coisas que o marido quisesse. [...] ele sempre me inferiorizou, nunca aceitou minha opinião, sempre diz que eu não tenho serventia pra nada, que não tenho atitude, que sou imprestável (Jaborandi).

Outro dado importante a ser discutido é a subnotificação da violência doméstica, que fica implícita nas respostas de Açaí: “[...] eu procurei ajuda quando tive depressão, mas, nos relacionamentos, tinha algum gatilho que me fazia entrar em depressão. No postinho de saúde, eles me davam remédio pra ansiedade e depressão e só, não tinha psicólogo”. Pedrosa e Zanello (2017) enfatizam que muitas mulheres recebem diagnósticos de transtornos mentais, enquanto a origem do sofrimento acaba ficando subnotificada, ou seja, mesmo em locais que deveriam ser de acolhimento, a violência acaba ficando invisibilizada.

Mediante a discussão acima, pode-se inferir que muitas mulheres vivem diariamente sob as mais inimagináveis condições de violência no âmbito doméstico. A violência psicológica tende a passar despercebida e não ser considerada como grave, vista apenas como um padrão de comportamento que subjuga mulheres, que permanecem silenciosas, amedrontadas, inseguras, com vergonha de estarem passando por tal situação e ainda se sentindo culpadas. É importante que a sociedade possa desconstruir padrões culturais que acabam invisibilizando a violência psicológica, para que os profissionais que trabalham com as vítimas que procuram ajuda possam estar conscientes da complexidade dessa violência e possam acolher, de maneira a não discriminar e revitimizar às mulheres (PORTELA, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência psicológica mantém-se dentre as mais silenciosas e invisibilizadas, pois aparece uma dificuldade de nomeá-la como uma violência entre as mulheres. Está no cerne das demais violências domésticas, age de forma sorrateira, como se fosse inofensiva, já que leva a pensar que poderia ser muito pior, afinal as marcas e prejuízos causados por essas agressões são facilmente ofuscadas pelo machismo, que, entre outros males, confere à mulher uma fragilidade psíquica.

Finalizando esta pesquisa, que teve como objetivo investigar se as mulheres participantes do “Projeto de Extensão Laços de Vida”, na cidade de Novo Hamburgo/RS, percebem como e quando estão sendo vítimas de violência psicológica e quais as consequências psíquicas ocasionadas, compreendeu-se, através da análise das falas de todas as participantes, que elas não apenas percebem as diversas formas e momentos da vida em que estiveram ou continuam submetidas a agressões psicológicas, mas também, são capazes de nomeá-las, a partir do trabalho realizado nos Grupos Terapêuticos do Projeto dos quais participam há um ano.

Neste sentido, na primeira categoria, nomeada “A percepção acerca da violência psicológica: era como se eu não existisse”, foi possível constatar que 100% das mulheres percebem-se vítimas de violência psicológica, quando citam eventos de chantagem, humilhação, manipulação, submissão sexual, desvalorização, xingamentos, ameaças, proibições e ofensas, além de conflitos familiares transgeracionais, desencadeados a partir dos efeitos produzidos pelo machismo e pelo patriarcalismo.

Identificou-se que 80% das entrevistadas relatam vivências em passados recentes e distantes, onde foram vítimas de violência psicológica praticada pelo pai ou pela mãe. Ainda, 50% das participantes referem estar atualmente em relacionamentos conjugais abusivos e 30% dizem já terem tido experiências com parceiros agressivos psicologicamente. Somente a partir da informação, que atualmente é acessível, e aos espaços de escuta ofertados, as participantes conseguem relacionar as mais diversas atrocidades infligidas sobre elas, nomeando corretamente como violência psicológica.

Ainda, se verificou, na primeira categoria, que 50% das mulheres pesquisadas relacionam a violência psicológica com relações sexuais consentidas, ao se sentirem pressionadas pelos parceiros e concordarem em fazer sexo sem vontade, para agradar e evitar aborrecimentos. Outro achado importante foi que 30% das entrevistadas trouxeram, em suas falas, situações ocorridas fora do contexto doméstico, porém percebidas enquanto agressões psicológicas, dentre elas, foi possível destacar o assédio no trabalho e na escola, além de discriminação racial.

A segunda categoria, “Desdobramentos psíquicos da violência psicológica: a vida perdeu o sentido pra mim”, identificou os transtornos de depressão e ansiedade como principais danos psíquicos gerados, relatados por 90% das participantes, sendo que uma delas expôs tentativas de suicídio. Os sentimentos de baixa autoestima, tristeza, raiva, revolta, ódio, inquietude, mágoa, insegurança, medo, tensão e desassossego, foram citados por todas as mulheres participantes da pesquisa. Outras doenças foram associadas à violência psicológica, dentre elas, a gastrite, hipertensão, diabetes, enxaqueca, fibromialgia e bulimia. Importante destacar que duas participantes da pesquisa disseram fazer uso de substâncias psicoativas e pelo menos 90% das mulheres fazem uso contínuo de psicofármacos.

Para além de realizar a pesquisa, o intuito era poder ofertar, para as entrevistadas, também um espaço de escuta, onde suas dores fossem acolhidas, possibilitando dar voz e visibilidade ao que, por vezes, pode ser inominável. A vulnerabilidade psíquica e socioeconômica que atravessa as participantes da pesquisa era uma característica desafiadora neste sentido, pois

havia a preocupação de não revitimizar às mulheres, porém, sobrevinha a certeza do acolhimento pela equipe e coordenação do “Projeto Laços de Vida”.

Compreende-se, portanto, ao finalizar este estudo, que é preciso, ainda, muito investimento em pesquisas relacionadas à temática da violência psicológica e a capacitação de pessoas que trabalhem com mulheres vítimas dessas agressões, a fim de construir novas possibilidades de acolhimento e proteção, diante do sofrimento gerado a partir de relações abusivas. Da mesma forma, ainda se faz extremamente necessário, enquanto sociedade, destituir padrões machistas, misóginos e sexistas, lutando para diminuir a desigualdade de gêneros, em todas as suas faces.

Sendo assim, conclui-se que para além da reivindicação social por políticas públicas efetivas na proteção da mulher, o desenvolvimento de projetos extensionistas como o “Laços de Vida”, que compõe espaços coletivos e informativos e legitimam as percepções das mulheres, rompendo com o silêncio, são de suma relevância. Considera-se que a luta por justiça, segurança e liberdade é um dever não só de todas nós, mas de toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 5. ed. São Paulo: Edições 70, 2020.

BARROS, Pauline Silveira de. **A violência contra a mulher também está no campo**: um estudo sobre a rede de apoio às mulheres em situação de violência da região rural de Viamão/RS. 2020. 75 f. Trabalho de Conclusão do Curso (Monografia) – Curso de Educação do Campo, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/221597>. Acesso em: 14 maio 2022.

BEAUVOIR, Simone de. (1949). **O segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BISPO, Joicielly França *et al.* Violência contra a mulher: educação em saúde em uma Unidade Básica de Saúde em Maceió. **Extensão em Foco**, Palotina, PR, v. 26, n. 1, p. 249-258, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/extensao/article/view/76350>. Acesso em: 15 out. 2022.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e

familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 16 abr. 2022.

BRASIL. Senado Federal. Instituto de Pesquisa DataSenado. Observatório da Mulher contra a Violência. **Pesquisa DataSenado: violência doméstica e familiar contra a mulher**. Brasília: Senado Federal, nov. 2021. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2021/12/09/pesquisa-violencia-domestica-e-familiar-contra-a-mulher_relatorio-final.pdf. Acesso em: 22 abr. 2022.

CHEMAMA, Roland. **Dicionário de psicanálise Larousse**. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

COLOSSI, Patrícia Manozzo; MARASCA, Aline Riboli; FALCKE, Denise. De geração em geração: a violência conjugal e as experiências na família de origem. **Psico**, Porto Alegre, v. 46, n. 4, p. 493-502, 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/20979>. Acesso em: 30 abr. 2022.

DEL CORSO, Maria das Graças Ramos. **Do que padecem as mulheres? O (in)suportável do sofrimento**. São Paulo: Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise, 2016. Disponível em: <https://voxinstituto.com.br/biblioteca/de-que-padecem-as-mulheres-o-in-suportavel-do-sofrimento/>. Acesso em: 02 maio 2022.

FERRAZZA, Daniele; GESUALDI, Desirée Marata. Psiquiatrização do corpo da mulher: resistência antimanicomial e feminista na atualidade brasileira. **Perspectivas em Psicologia**, Mar Del Plata, Uruguai, v. 18, n. 2, p. 58-68, 2021. Disponível em: <http://200.0.183.216/revista/index.php/pep/article/view/549>. Acesso em: 14 maio 2022.

FERREIRA, Esther de Sena. **Os efeitos subjetivos da violência psicológica: o discurso de mulheres que permanecem nas relações com seus parceiros**. 2017. 115 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Divisão de Pós-Graduação Stricto Sensu, Universidade de

Fortaleza, Fortaleza, CE, 2017. Disponível em:

http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFOR_1bfa04dc82fb6b31ce24fae5a09fc6ae. Acesso em: 20 maio 2022.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência contra mulheres em 2021**. São Paulo: FBSP, mar. 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2022.

FREUD, Sigmund (1905). Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In*: FREUD, Sigmund. **Coleção obras completas de Sigmund Freud**: vol. 6. 1. ed. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 13-172.

FREUD, Sigmund (1914). Introdução ao narcisismo. *In*: FREUD, Sigmund. **Coleção obras completas de Sigmund Freud**: vol. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-50.

FREUD, Sigmund (1914). Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise II). *In*: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: vol. 12. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 191-203.

FREUD, Sigmund (1931). Sobre a sexualidade feminina. *In*: FREUD, Sigmund. **Coleção obras completas de Sigmund Freud**: vol. 18. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 202-222.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. **Site institucional**. Fortaleza: IMP, 2022. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/>. Acesso em: 06 abr. 2022.

JERUSALINSKY, Julieta. **A criação da criança**: brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê. Salvador: Ágalma, 2014.

KRUGER, Patrícia de Almeida. **Penetrando o Éden**: Anticristo, de Lars Von Trier, à luz de Brecht, Strindberg e outros elementos inquietantes. 2016. 288 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-20122016-152701/pt-br.php>. Acesso em: 09 maio 2022.

KUSTER, Eliana. Do simbólico ao real: faces da violência de gênero. **Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo**, Vitória da Conquista, BA, v. 12, n. 2, p. 83-109, 2017. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2389/1976>. Acesso em: 09 maio 2022.

MAGALHÃES, Bruna Maia. **De amar muito mesmo, eu tava sem lugar pra mim:** afetos, subjetividade e dispositivos de gênero em mulheres que sofreram violência por parceiro íntimo. 2021. 105 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/42984>. Acesso em: 21 abr. 2022.

NECCHI, Victor. A violência de gênero é um dos fenômenos mais democráticos que existem: entrevista especial com Marlene Strey. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, RS, 05 jul. 2017. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/569341-a-violencia-de-genero-e-um-dos-fenomenos-mais-democraticos-que-existem>. Acesso em: 16 abr. 2022.

PEDROSA, Mariana; ZANELLO, Valeska. (In)visibilidade da violência contra as mulheres na saúde mental. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 32, n. esp., p. 1-8, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/8DzJKKXHyL9kbgddQ9Ns9Xd/abstract/?lang>. Acesso em: 10 maio 2022.

PORTELA, Yeda. Violência psicológica: dificuldade em romper o vínculo afetivo em uma relação conjugal violenta. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 32, n. 2, p. 53-62, 2021. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/987. Acesso em: 07 maio 2022.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SCHWAB, Beatriz; MEIRELES, Wilza. **Um soco na alma:** relatos e análises sobre violência psicológica. Brasília: Pergunta Fixar Editora Produtora de Arte, Educação e Cultura, 2017.

SILVA, Aline Natália; AZEREDO, Catarina Machado. Associação entre vitimização por violência entre parceiros íntimos e depressão em adultos brasileiros. **Ciência & Saúde**

Coletiva, Rio de Janeiro, v. 24, n. 7, p. 2691-2700, 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/ht5mGmHysJVG64B3Bf6FFFz/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 14 maio 2022.

SILVA, Susan de Alencar *et al.* Análise da violência doméstica na saúde das mulheres. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 182-186, 2015. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822015000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08 maio 2022.

SIQUEIRA, Camila Alves; ROCHA, Ellen Sue Soares. Violência psicológica contra a mulher: uma análise bibliográfica sobre causa e consequência desse fenômeno. **Revista Arquivos Científicos**, Macapá, v. 2, n. 1, p. 12-23, 2019. Disponível em:

<https://arqcientificosimmes.emnuvens.com.br/abi/article/view/107>. Acesso em: 08 maio 2022.

STOCKER, Pâmela Caroline; DALMASO, Silvana Copetti. Uma questão de gênero: ofensas de leitores à Dilma Rousseff no Facebook da Folha. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 679-690, 2016. Disponível em:

http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2016000300679&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 09 maio 2022.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2017.

VEIGA, Ana Maria; PEDRO, Joana Maria. Gênero. *In*: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (Orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. 2. ed. Dourados, MS: Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. p. 330-333. Disponível em:

<https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/1097>. Acesso em: 20 maio 2022.

WALKER, Lenore. **The battered woman syndrome**. 3. ed. Nova York: Springer Publishing Company, 2009.

Recebido em: 15 de março de 2023

Aceito em: 09 de outubro de 2023